

ALI SMITH

# A primeira pessoa

*e outros contos*

*Tradução*

Caetano W. Galindo



Copyright © 2008 by Ali Smith

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The first person and other stories

*Capa*

warrakloureiro

*Foto de capa*

Fuse/ Getty Images

*Preparação*

Ana Cecília Água de Mello

*Revisão*

Adriana Cristina Bairrada

Valquíria Della Pozza

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Smith, Ali

A primeira pessoa e outros contos / Ali Smith ; tradução  
Caetano W. Galindo — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das  
Letras, 2012.

Título original: The first person and other stories

ISBN 978-85-359-2074-1

1. Contos ingleses 1. Título.

---

12-02302

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura inglesa 823

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

- Um conto real, 11
- A criança, 22
- Presente, 34
- A terceira pessoa, 46
- Fidélio e Bess, 56
- Contando um conto, 69
- Sem saída, 77
- A segunda pessoa, 87
- Eu sei uma coisa que você não sabe, 98
- N'água, 108
- Astúcia impetuosa de luxúria, 118
- A primeira pessoa, 132

# Um conto real

Havia dois homens no café, na mesa do lado da minha. Um era mais novo, um era mais velho. Podiam ser pai e filho, mas não tinham nada daquela desconfiança treinada, nada da nebulosa raiva que quase sempre existe entre pais e filhos. Talvez fossem o resultado de um divórcio, o pai ansioso por ser pai agora que o filho era um adulto propriamente dito, o filho ansioso por ser homem diante do pai agora que o pai estava à sua frente pelo menos por quanto durasse uma xícara de café. Não. Mais provável que o mais velho fosse aquele tipo de amigo da família que propicia uma figura paterna de fim de semana pro filhinho de uma família divorciada; um homem que conhece a sua responsabilidade, e agora vejam só, o menino tinha crescido, o homem estava mais velho, e havia essa compreensão tácita entre eles etc.

Parei de inventar aqueles dois. Estava parecendo meio errado fazer aquilo. Melhor ouvir o que eles estavam dizendo. Estavam falando de literatura, o que por acaso me interessa, embora não vá interessar muita gente. O mais novo estava falando da diferença entre o romance e o conto. O romance, ele estava dizendo, era uma puta velha e flácida.

Uma puta velha e flácida, o mais velho disse com uma cara deliciada.

Ela tinha lá a sua serventia, era espaçosa, quentinha e conhecida, o mais novo ia dizendo, mas a bem da verdade era meio gasta, a bem da verdade era meio frouxa e larga demais.

Frouxa e larga! O mais velho disse rindo.

Já o conto, em comparação, era uma deusa leve, uma ninfa magrinha. Como pouquíssima gente tinha conseguido dominá-la, ela ainda estava bem em forma. Bem em forma! O velho estava sorrindo de fora a fora com essa. Ele presumivelmente tinha idade suficiente para lembrar de anos na sua vida, e há não tanto tempo, em que teria sido pelo menos um pouco arriscado falar desse jeito. Eu fiquei imaginando, à toa, quantos dos livros da minha casa eram comíveis e o quanto eles seriam bons de cama. Áí eu suspirei e peguei o celular e liguei para a minha amiga, com quem eu sempre vou àquele café na sexta-feira de manhã.

Ela sabe um monte de coisas sobre contos. Passou muito tempo na vida lendo contos, dando aulas sobre contos, e até de vez em quando escrevendo contos. Ela já leu mais contos do que a maioria das pessoas sabe (ou se importa) que exista. Acho que dá para chamar isso de um ato de amor de toda uma vida, ainda que ela não seja muito velha, estivesse naquela manhã ainda com trinta e muitos. Um ato de amor de toda-uma-vida-até-aqui. Mas ela já sabia mais sobre contos e sobre as pessoas no mundo inteiro que escreviam e escreveram contos do que qualquer outra pessoa que eu conhecesse.

Ela estava no hospital, naquela sexta-feira em particular, uns anos atrás, porque um ciclo de quimioterapia tinha destruído até o mais insignificantezinho dos leucócitos do sangue dela e depois disso ela tinha pegado uma infecção num dente do siso.

Eu esperei a voz de autômato do sistema telefônico do hospital me dizer tudo o que tinha a dizer sobre si própria, e aí me

recitar roboticamente o número que eu tinha acabado de discar, e aí pronunciar errado o nome da minha amiga, que é Kasia, e aí me dizer exatamente quanto estava me cobrando para me dizer tudo isso, e aí me dizer quanto ia me custar falar com a minha amiga, por minuto. Aí ela transferiu a ligação.

Oi, eu disse. Sou eu.

Você está ligando do celular? ela disse. Não faz isso, Ali, fica caro com esse sistema aqui. Espera que eu te ligo.

Imagina, eu disse. É rapidinho. Olha. Será que o conto é uma deusa e uma ninfa e o romance é uma puta velha?

O que é o quê?

Uma puta velha, tipo do Dickens, de repente, eu disse. Que nem aquela puta que é a primeira que ensina o David Niven a trepar naquele livro.

O David Niven? ela falou.

Você sabe, eu disse. A puta que ele visita no Balão da Lua quando ele está com coisa de catorze anos, e ela é superquerida e inicia ele e ele perde a virgindade, e ele ainda está de meia, ou vai ver é a puta que ainda está de meia, eu não lembro, enfim, ela é superquerida com ele e aí ele volta pra visitar a puta quando está mais velho e ela é uma puta velha e ele é um astro de cinema famoso no mundo inteiro, e ele leva um monte de presentes pra ela porque ele é bacana e nunca esquece um ato de delicadeza. E o conto é mais como a Princesa Diana?

O conto é como a Princesa Diana, ela disse. Certo.

Senti que os dois caras, que estavam se levantando para sair do café, me olhavam curiosos. Ergui o telefone.

Eu estou só perguntando pra minha amiga o que ela acha dessa sua tese da ninfa, eu disse.

Os dois me deram uma olhada meio assustada. Aí os dois saíram do café sem olhar para trás.

Eu contei para ela a conversa que eu tinha acabado de entrouvir.

Eu estava pensando na Diana porque ela é meio nínfica, acho, eu disse. Eu não consigo pensar numa deusa que seja como uma ninfa. Todas as deusas que me aparecem na cabeça são, assim, tipo Kali ou Sheela Na Gig. Ou Afrodite, essa era jogo duro. Matando aquele monte de veados. Ela não matava veado?

Por que que o conto é como uma ninfa, a Kasia disse. Parece uma piada suja. Rá.

Está bom, eu falei. Anda, então. Por que o conto é como uma ninfa?

Eu vou pensar, ela disse. Vai ser alguma coisa pra eu fazer aqui.

Eu e a Kasia somos amigas já há pouco mais de vinte anos, mas nem parece tanto, embora dizendo pareça. “Tanto” e “tão pouco” são coisas relativas. O que era excessivo era cada dia que ela passava no hospital; hoje era o décimo dia excessivo dela numa das alas de oncologia, tomando injeções de coquetéis de antibióticos e esperando a temperatura descer e a contagem de leucócitos subir. Quando esses dois ajustezinhos pessoais minúsculos acontecessem no mundo, ela ia poder ir para casa. Além disso, tinha muita tristeza em volta dela na enfermaria. Depois de dez excessivos dias o peso daquela tristeza, que pode soar relativamente pequeno se você não é alguém que tem que pensar no assunto ou está sendo forçado a lidar com ele, mas tem proporções quase épicas se você é essa pessoa, já era considerável.

Ela me ligou de volta mais no fim da tarde e deixou um recado na caixa-postal. Dava para eu ouvir o hospital que retinia e as vozes de outras pessoas na enfermaria no ar gravado em volta da voz dela.

*Então. Olha só. Depende do que você quer dizer com “ninha”. Porque varia. Assim. Um conto é como uma ninfa porque os sátiros querem dormir com ela o tempo todo. Um conto é como uma ninfa porque tanto um quanto a outra gostam de morar em mon-*

*tanhas e bosques e perto de fontes e rios e em vales e grutas frescas. Um conto é como uma ninfa porque gosta de acompanhar Artêmis nas suas viagens. Eu sei que ainda não está muito engracado, mas eu estou pensando aqui.*

Eu ouvi o barulho do telefone sendo desligado. Mensagem recebida às três e quarenta e três, a voz de robô da minha secretaria eletrônica disse. Eu liguei de volta para ela e passei pelo exato eco da ligação matutina através do sistema. Ela atendeu e sem me dar tempo para dizer oi disse:

Olha! Olha! Um conto é como uma ninfomaníaca porque os dois gostam de ficar com todo mundo — ou entrar num monte de antologias — mas nem um nem outro aceitam dinheiro em troca do prazer.

Eu ri alto.

Ao contrário do romance, aquela puta velha safada, rá rá, ela disse. E quando eu falei com o meu pai na hora do almoço ele me disse que dá pra pescar truta com uma ninfa. Diz que é um tipo de isca. Ele diz que tem uns sujeitos que andam com lente de aumento por aí para o caso de eles toparem com uma ninfa de verdade, pra poderem copiar ainda mais direitinho nas iscas que eles fazem.

Vou te contar um negócio, eu falei. O mundo está cheio de coisa impressionante.

Pois é, ela disse. O que você achou da piada da antologia?

Nota seis, eu disse.

Então não vale nada, ela disse. Mas tudo bem. Eu vou tentar pensar alguma coisa melhor.

De repente aquilo das ninfas-nas-iscas dá pano pra manga, eu falei.

Rá rá, ela disse. Mas eu vou ter que largar isso das ninfas agora e voltar pra demanda do santo Herceptin.

Meu Deus, eu disse.

Eu estou cansada, ela disse. A gente está redigindo umas cartas.

Quando é que um remédio contra câncer não é um remédio contra câncer? eu disse.

Quando as pessoas não têm grana pra pagar, ela disse. Rá rá. Beijo grande, eu falei.

Pra você também, ela disse. Um chazinho?

Eu faço, eu disse. A gente se fala.

Eu ouvi o barulho do telefone morrendo. Desliguei e saí dali e fui pôr água para ferver. Fiquei olhando até borbulhar e começar a soltar vapor pelo bico. Enchi duas xícaras com água fervendo e mergulhei os saquinhos de chá. Tomei o meu chá olhando o vapor sair da outra xícara.

Isto é o que a Kasia queria dizer quando falou de “demanda do santo Herceptin”.

Herceptin é um remédio que vem sendo usado há um tempo no tratamento do câncer de mama. Os médicos, naquele momento em que eu e a Kasia estávamos tendo as conversas deste conto, tinham descoberto muito recentemente que ele era muito útil para certas mulheres — as que têm uma produção excessiva da proteína HER<sup>2</sup> — nos primeiros estágios da doença. Quando aplicado a uma paciente receptiva, ele pode reduzir o risco de um reaparecimento do tumor em cinquenta por cento. Os médicos do mundo inteiro estavam empolgados com isso porque equivalia a uma mudança de paradigma no tratamento do câncer de mama.

Eu nunca tinha ouvido falar de nada disso até a Kasia me contar, e ela nunca tinha ouvido falar de nada disso até que uma pequena verdade, de menos de dois centímetros, que um médico encontrou num dos seios dela em abril daquele ano, tinha representado uma mudança de paradigma na vida normal. Agora era agosto. Em maio o médico dela tinha mencionado como o Herceptin é bom, e como ela certamente ia poder tomar o remé-

dio no fim da quimioterapia dela no Hospital Públco. Aí no fim de julho o médico dela recebeu uma visita de um membro do PCT, que representa as palavras Primeiro, Conselho e Terapias, e se ocupa do orçamento do Sistema Nacional de Saúde Pública. O membro do PCT instruiu o médico da minha amiga a não sair mais falando das maravilhas do Herceptin pras outras mulheres afetadas na área de triagem do hospital até que um grupo chamado B.O.M. tivesse aprovado sua relação custo-benefício. Naquela época, eles achavam que isso podia levar uns nove meses ou quem sabe um ano (quando já ia ser tarde demais para a minha amiga e muitas outras mulheres). Apesar de a Kasia saber que se quisesse comprar o Herceptin pelo plano de saúde, agora mesmo, por cerca de vinte e sete mil libras, ela podia. Uma coisa dessas estará acontecendo com uma droga urgentemente necessária neste exato momento, em algum lugar perto de você.

“Primeiro.” “Conselho.” “Terapias.” “Bom.”

Eis um conto que quase todo mundo acha que já conhece sobre uma ninfa. (Por acaso trata-se também de uma das primeiras representações literárias do que hoje nós chamamos de anorexia.)

Eco era uma Oréade, que é um tipo de ninfa das montanhas. Ela era bem conhecida entre as ninfas e os pastores não só pela sua deslumbrante verbosidade mas também pela sua habilidade para salvar as suas amigas ninfas da ira da deusa Juno. Por exemplo, digamos que as amigas dela estivessem esticadas ao sol e Juno aparecesse ali na esquina, prestes a pegar todo mundo ali de bobeira, e Eco, que tinha um talento para saber quando Juno estava prestes a aparecer, se levantava de um pulo e desviava a deusa indo correndo distraí-la com contos e conversas, conversas e contos, até as ninfas preguiçosas estarem todas de pé e trabalhando como se nunca tivessem ficado de bobeira na vida.

Quando Juno sacou o que Eco estava fazendo ela ficou meio

puta. Apontou para a ninfa com o dedinho-de-rogar-praga e lascou a primeira maldição adequada que lhe apareceu na cabeça.

De agora em diante, ela disse, você só será capaz de repetir em voz alta as palavras que ouviu os outros dizerem logo antes. Não é verdade?

É verdade, Eco disse.

Os olhos dela se arregalaram. Seu queixo caiu.

É o seu destino, Juno disse.

Desatino, Eco disse.

Muito bem. Cada um carrega seu fado, Juno disse.

Safada, Eco disse.

A bem da verdade eu estou inventando essa rebeldiazinha. Na verdade não cabe nenhum ato rebelde a Eco na versão original de Ovídio. Parece que depois que lhe privam da possibilidade de falar como quisesse, e de ser capaz de zelar pelas amigas, não lhe sobra mais nada — em termos de narrativa — além de se apaixonar por um rapaz tão apaixonado por si próprio que passa o dia inteiro curvado sobre um lago que é o seu próprio desejo e que acaba se deixando quase morrer de sofrimento (e aí se transforma, em vez de morrer, numa florzinha branca).

Eco também sofreu. O seu peso desapareceu. Ela foi ficando elegantemente magra, aí ficou só pele e osso, e aí só restou dela uma voz lamentosa, lamuriosa, que flutuava incorporeamente, repetindo sem parar exatamente as mesmas coisas que todo mundo estava dizendo.

Eis, por outro lado, o conto que conta o ponto em que eu conheci a minha amiga Kasia, há mais de vinte anos.

Eu era aluna de pós-graduação em Cambridge e tinha perdido a voz. Eu não estou dizendo que tinha perdido a voz por causa de uma gripe ou de uma infecção na garganta, eu estou dizendo que dois anos de um sistema hierárquico tão rígido que as moças e as mulheres ainda eram meio que uma novidade nele

tinham de alguma maneira me arrancado a voz que eu porventura ainda tivesse.

Então eu estava sentada no fundo da sala sem nem mais ouvir direito, e ouvi uma voz. Vinha de algum lugar à minha frente. Era uma voz de mulher e estava perguntando diretamente à pessoa que fazia a conferência e à que coordenava a sessão alguma coisa sobre a escritora americana Carson McCullers.

Porque me parece que McCullers é obviamente muito relevante em todos os níveis dessa discussão, dizia a voz.

Tanto a pessoa que fazia a conferência quanto a que era responsável pela coordenação da sessão ficaram algo espantadas por alguém ter dito alguma coisa em voz alta. A pessoa que coordenava pigarreou.

Eu me vi me inclinando para a frente. Eu não ouvia alguém falar assim, numa demonstração tão franca e espontânea de conhecimento e candura, havia já alguns anos. Mais ainda: naquele mesmo dia eu tinha conversado com uma aluna da graduação que não tinha conseguido achar ninguém, em todo o departamento de literatura inglesa da Universidade de Cambridge, para orientar a sua monografia sobre McCullers. Parecia que ninguém capaz de lecionar tinha lido a autora.

Enfim, ouso dizer que a senhorita verá que McCullers não está exatamente à altura, falou a pessoa que fazia a conferência sobre A literatura depois de Henry James.

Bom, a questão é que eu discordo, a voz disse.

Eu ri alto. Era um ruído jamais ouvido numa sala daquelas; cabeças se viraram para ver quem estava produzindo um ruído tão improvável. A mocinha continuou educadamente fazendo perguntas que ninguém respondia. Ela mencionou, eu lembro bem, o quanto McCullers gostava de uma máxima: nada do que é humano me é estranho.

No fim da conferência eu corri atrás da menina. Eu a parei na rua. Era inverno. Ela estava com um casaco vermelho.

Ela me disse o seu nome. Eu me ouvi dizer o meu.

Franz Kafka diz que o conto é uma gaiola à procura de um pássaro. (Kafka morreu há mais de oitenta anos, mas eu ainda posso dizer Kafka diz. É apenas uma das formas com que a arte lida com a nossa mortalidade.)

Tzvetan Todorov diz que a característica do conto é que ele é tão curto que não nos concede o tempo de esquecer que se trata apenas de literatura e não da vida real.

Nadine Gordimer diz que os contos são categoricamente sobre o momento presente, como o breve vislumbre de diversos vagalumes aqui e ali, no escuro.

Elizabeth Bowen diz que o conto tem como vantagem sobre o romance um tipo singular de concentração, e que ele cria a narrativa sempre e totalmente segundo os seus critérios.

Eudora Welty diz que os contos muitas vezes problematizam os seus maiores interesses próprios e que é isso que os torna interessantes.

Henry James diz que o conto, por ser tão condensado, pode dar uma perspectiva particularizada tanto da complexidade quanto da continuidade.

Jorge Luis Borges diz que o conto pode ser a forma perfeita para romancistas preguiçosos demais para escrever qualquer coisa com mais de quinze páginas.

Ernest Hemingway diz que os contos são gerados pela sua própria mudança e o seu próprio movimento, e que mesmo quando um conto parece estático e você não consegue discernir qualquer movimento nele, ele provavelmente está mudando e se movendo mesmo assim, só que sem você ver.

William Carlos Williams diz que o conto, que age como a chama de um fósforo riscado no escuro, é a única forma real de descrever a brevidade, a fragmentação e ao mesmo tempo a completude da vida das pessoas.

Walter Benjamin diz que os contos são mais fortes que o momento real, vivido, porque podem continuar liberando o momento real, vivido, depois que o momento real, vivido, está morto.

Cynthia Ozick diz que a diferença entre um conto e um romance é que o romance é um livro cuja jornada, no caso de um romance bom e funcional, chega de fato a alterar o leitor, enquanto um conto é mais como um presente talismânico dado ao protagonista de um conto de fadas — algo completo, poderoso, cujo poder talvez não tenha ainda sido compreendido, que se pode segurar nas mãos ou meter no bolso e levar pela floresta numa jornada escura.

Grace Paley diz que escolheu escrever só contos a vida toda porque a arte é longa e a vida é breve, e que os contos, por natureza, são sobre a vida, e que a própria vida sempre surge em diálogos e trama.

Alice Munro diz que cada conto é no mínimo dois contos.

Havia dois homens no café, na mesa do lado da minha. Um era mais novo, um era mais velho. Ficamos no mesmo café por pouco tempo mas discordamos por tempo suficiente para eu saber que aquilo rendia um conto.

Este conto foi escrito em discussão com a minha amiga Kasia, e em comemoração da sua (e de toda) incansável articulação — uma das razões, neste caso em particular, de muito mais pessoas terem sido capazes de obter aquele remédio específico quando necessitaram.

Então, quando é que um conto é como uma ninfa?

Quando o seu eco lhe responde.